

**4ª PARTE**

---

**Discursos**

## O HOMEM, A TERRA E A PALAVRA NA POESIA DE BARROS PINHO(\*)

*Linhares Filho*

No ano em que a Academia Cearense de Letras, no gênero a mais antiga do País, comemora o seu 92º aniversário, a indicação de minha pessoa pelo ilustre amigo, poeta, escritor e operoso Presidente Cláudio Martins, para representar o Sodalício nesta brilhante festa da inteligência e da sensibilidade, com a recepção a um novo sócio efetivo justifica-se não pela autoridade nem pelo prestígio de minha palavra, que sei modesta e descolorida, mas pela afinidade que me prende ao poeta e acadêmico Barros Pinho. Realmente, além de possuímos a mesma idade, há vinte e sete anos nos conhecemos, sendo um ao outro apresentado pelos amigos, hoje professores, José de Albuquerque Nobre e Acrísio Nogueira Pessoa, e desde então privamos um com o outro numa fraterna amizade, sob o signo do intelecto. Participamos, entre os idos de 1959 e 1960, da Liga Estudantil dos Aspirantes ao Direito (LEAD), que congregava estudantes do Liceu do Ceará e de outros estabelecimentos de ensino, entidade que fundei com outros colegas e presidi, que manteve uma academia mirim e o órgão publicitário *O Condor*, sob a inspiração de Castro Alves (“A praça, a praça é do povo / Como o céu é do condor!”) e um de cujos redatores era o futuro acadêmico, recepcionado nesta noite. Do Direito, a que aspirávamos em nós ambos —, que seguimos outras carreiras, Barros Pinho, Administração, e eu Letras —, ficou o eco dos versos de Castro Alves que eram repetidos (que entusiástico idealismo!) cada vez que dois associados se encontravam, “A lei sustenta o popular Direito; Nós sustentamos o Direito em pé!”, bem como ficou o nosso culto à Justiça e a crença de que ela, quando exercida com acerto, pode assegurar a Paz e a Liberdade sociais aos cidadãos.

Mais tarde, participaríamos do grupo Sin, de Literatura, juntamente com Horácio Dídimo, Pedro Lyra, Rogério Bessa, Roberto Pontes, Leão Júnior, Leda Maria, Rogério Franklin e Inês Figueiredo. A vida efêmera do grupo teve um saldo positivo: o de lançar ao cenário da vida literária cearense alguns dos mais destacados nomes da geração, agora já atingindo certa repercussão nacional.

Movidos pela idéia mais ou menos tácita de sincretismo literário (adoção de experiências válidas de todas as escolas para daí se tentar algo novo e o abrigo, no grupo, das várias tendências caracterizadoras de cada um dos componentes, unidos ao menos pela vontade de renovação), os membros do Sin,

hoje com vários livros publicados, são todos poetas, muitos ensaístas, alguns contistas e teatrólogos e cinco dos mais atuantes pós-graduados em Letras, três mestres e dois doutores. A força das circunstâncias fez-me preceder os companheiros como membro da Academia, mas na verdade qualquer um daqueles de produção mais significativa e fecunda poderia preceder os demais no ingresso, como acadêmico, na Casa de Tomás Pompeu.

Às formas de afinidade minha com o novel acadêmico acrescenta-se mais uma: ele veio a consorciar-se com D. Isabel Aracimir Pinto Pinho, de quem ascendentes, notadamente o seu ilustre pai, o Senador Dr. Almir dos Santos Pinto, são de Lavras da Mangaberia, como sou eu, portanto banharam-se com as águas do rio Salgado, cujo caudal canta em mim nas veredas desta ausência, enquanto o rio Parnaíba "leva e lava a solidão" do autor de *Circo Encantado*.

Confesso o meu prazer por constatar, quando os integrantes do antigo grupo Sin atingimos a maturidade existencial o literária, que cada vez mais se efetiva a consagração de nossa mensagem poética, nascida nos inquietos dias da juventude e cultivada com intuição e suor, amor e renúncia, tenacidade e solidão. Empolga-me este momento augusto em que tenho o privilégio de ser o primeiro a servir ao velho e novo companheiro o vinho da cordialidade da Casa, pô-lo à vontade no convívio que ora se inicia e dizer-lhe que ele não precisa de informante nos compartimentos de que já é íntimo pela simples prática do seu nobre ofício de intelectual. Na Academia o que se cultiva é a Arte e a Ciência, o que se respira é a Poesia e a Cultura, o que se vive é o Humanismo, o que se comunga é o Sonho, esta busca com valor de encontro, que não se desvincula do humano e do real, antes os tem como apanágio, pois o Sonho de que falo se identifica com a Essência do homem e com o "autêntico real absoluto", a que se refere Novalis. Esses valores todos já participam expressivamente da vida de Barros Pinho, cujos atos existenciais e cuja obra literária trazem aquelas três dimensões humanísticas e ontológicas que configuram o rosto do homem, "feito de milhares e milhares de rostos" segundo a concepção do poeta português Eugênio de Andrade no seu antológico texto "Poética":

Fidelidade ao homem e à sua lúcida esperança de sê-lo inteiramente; fidelidade à terra onde mergulha as raízes mais fundas; fidelidade à palavra que no homem é capaz da verdade última do sangue, que é também verdade da alma.

De fato, o homem, a terra e a palavra constituem os três principais valores da poesia de Barros Pinho, a qual por isso se legitima. Escrevi como relator do parecer sobre a candidatura do poeta à Cadeira nº 14 deste Sodalício afirmações que agora confirmo e em que salientei por outros termos esses valores: na verdade, nos quatro livros de poemas do candidato, Planisfério, Natal de Barro Lunar e 4 Figuras no Céu, Circo Encantado e Natal do Castelo Azul, encontramos uma poesia inovadora, até certo ponto irreverente, mas legítima

pelo conteúdo lírico e social, pela expressão despojada, sensível, sugestiva e encantatória. Com uma temática variada, tal poesia mostra-se autêntica tanto pela criatividade da linguagem como por traduzir riquezas interiores, espelhar aspectos da simplicidade popular, interpretar a pluralidade do mundo e tentar promover o homem.

Nessa minha opinião o telúrico está representado pelo social, o popular e o humano, pois o homem é a imagem da terra e vice-versa, que o provem os conceitos da Antropogeografia, mas tenho agora a impressão de que o telúrico é que levou Barros Pinho à exploração do humano, pois, desde que ele descobriu que “no seu calcanhar/corre um rio”, se descobriu como poeta nato e começou a deixar pegadas de melodias pelos caminhos de sua ausência. É o próprio autor que declara: “Só se pode nascer poeta se tiver um rio perto” Na descrição que Camões faz do sonho de D. Manuel em *Os Lusíadas*, os rios sagrados da Índia, o Ganges e o Indo, aparecem ao rei —, “A cor da pele baça e denegrada,/A barba hirsuta, intonsa, mas comprida” —, e advertem-no pela voz do primeiro: “Te avisamos que é tempo que já mandes” A receber de nós tributos grandes”. Semelhantemente, a Barros Pinho, em momento onírico deve ter aparecido “o Parnaíba, velho monge,/As barbas brancas alongando”, como cantou Da Costa e Silva, para fazer o hoje acadêmico poeta sentir que o mesmo rio estava a correr em seu calcanhar e levar o autor de *Planisfério* a que —, ferido como Aquiles, mas de solidariedade humana e apego telúrico, de solidão e saudade —, procurasse o filão de riquezas espirituais e poéticas que deriva daquelas águas, que seriam para o nosso recipiendário nova fonte de Hipocrene, inspiradoras de beleza e de humanismo.

Já em *Planisfério* o poeta canta o rio de sua terra na “balada do rio Parnaíba”, poema em que, pela ligação ao cotidiano, lembra, como em outras produções suas, Cesário Verde, e em que concebe o Parnaíba como o seu “oceano”. Em outro poema, humanizando Teresina, escreve: “essa terra é teresa/dos olhos verdes/molhando o corpo nas águas”. Na “balada da rua do Mafuá” (e veja-se que a rua onde nasceu Barros Pinho traz em seu nome ligado à diversão a predestinação do ludismo mágico do poeta), canta: “lá mais pra baixo/o parnaíba carrega/a ânsia do menino”. E o rio que “encheu/os olhos/do menino/só de espanto” deve ser consolo no “monólogo da solidão”: “o rio Parnaíba/devia correr/perto de mim/quando me sentisse/só/ devia estar/perto de mim/rio manhoso/leva e lava/minha solidão”.

Ao lado de vários poemas relativamente longos de Barros Pinho, conta-se grande número de produções curtas, instantâneas e espontâneas, como se dele saíssem de um jato (“na cabeça/trago poemas/que improvisarei”). A técnica da repetição, largamente usada pelo autor, favorece o ritmo, enfatiza aspectos marcantes e adapta-se a certo espírito popular, de simplicidade da poesia em apreço. Ao lado do memorialismo cheio do amargor do tempo perdido, integra-se o poeta na era atômica e espacial. Sente com intensidade a face pungente da vida e possui um grande senso do cotidiano e da realidade anímica dos seres humanos, ao lado disso cultivando uma visão onírica ou mágica, que transfigura

gestos, coisas e pessoas com uma pronunciada eficácia poética. A meu ver, se os desvios sintáticos da poesia de Barros Pinho nem sempre trazem funcionalidade em si mesmos, embora se amoldando a uma postura de espontaneidade estética condizente com o espírito algo popular de sua cosmovisão, os desvios semânticos são, em geral, altamente expressivos e validamente criativos. O uso das minúsculas e a total falta de pontuação adequam-se à posição anti-erudita e é fluidez algo surrealista do poeta. A solidão, o amor e a liberdade constituem *leitmotifs* da poesia em estima. Outros motivos são os tipos populares, prostitutas, palhaços, vendedores ambulantes, meninos e afogados; os objetos e ambientes da vida pregressa ao lado dos instrumentos do progresso tecnológico do mundo: o pião, a gangorra, os papagaios, os cavalos de pau, os circos, as feiras; o rio, a lua, os sinos, as torres da igreja, os cata-ventos, as ruas, os mísseis, a máquina, a bomba, a astronáutica. O Natal, um dos temas preferidos do autor, não me parece ser por ele tratado com o êxito com que trata outros temas, como, por exemplo, os ligados à memória da infância. Os elementos da natureza, sobretudo o vento, contribuem para a formação do encantatório da poesia de Barros Pinho.

Além de poesia, anote-se ligeira incursão bem-sucedida do escritor pela ficção narrativa e pela oratória literária, anunciando-se os livros inéditos *Araçás do Mestre Rosa* (contos) e *Corredores do Coronel Zeca Belarmino* (novela). Entre os livros de poemas, distingo como os melhores *Planisfério e Circo Encantado* e considero este a sua obra-prima. Destaco os seguintes poemas do primeiro livro por serem a meu ver mais poéticos: “Balada da lua-cheia”, “Balada da rua ausente”, “A bomba”, “A cidade”, “Caricatura”, “Stalingrado”, “Sintaxe”, “Terrificante”, “O poeta”, “Adeus ao astronauta” e “Natal em órbita”. De *Circo Encantado* destaco por sua maior beleza e melhor desempenho artístico: “As torres”, “Balada dos sinos”, “Cansado de ausência”, “Anúncio do galo”, “Balada da rua do mafuá”, “Por trás dos ventos”, “Sala do sonho”, “Maria das águas”, “Maria paula”, “Hortência íntima flor”, “A lenda de Josefina”, “Cantiga para lulu adormecer”, “Cavalo de carnaúba”, “Nem o azul dos papagaios”, “Meninos olham o azul do céu”, “Girão girassol das nuvens”, “Verdes cata-ventos das colinas”, “No corpo a solidão”, “Monólogo da solidão” e “O cerco do circo”.

É tempo, meus senhores, de apresentar-lhes uma amostra, em citação mais extensa, do primor da arte do nosso poeta acadêmico e o faço através de um de seus mais belos poemas, intitulado “Cansado de ausência”, poema em que prevalece o sensorial ligado ao encantatório e ao sugestivo, poema em que a falta de um tempo de sonho e de lazer se opõe às adversidades do cotidiano existencial, cansando-se o autor, que, ainda fiel à sua condição de poeta, promete uma luminosa doação:

carrego madrugada  
no canto dos olhos

nos meus ombros  
depositaram noites  
que não querem ser dia  
nos cabelos guardo  
a ilusão ou o sonho  
dos que sonharam  
nas mãos trago  
pedaços de sol  
só pra distribuir  
n'alma a ausência  
cansada de bater  
nos diques da vida

O espírito de doação da penúltima estrofe —, o qual lembra o Jorge de Lima de “Distribuição da Poesia” (“Só tenho poesia para vos dar./Abancai-vos meus irmãos”) e uma das constantes líricas do poeta de Nihil Sibi, Miguel Torga —, reaparece num poema cheio da antiga frustração infantil, compensada com um desejo mágico: “meus papagaios/nunca subiram/deus os guarde/num bom lugar/para os olhos/de outros meninos.” Deus, que é aqui invocado, tem o seu esquecimento denunciado no poema “A cidade”, que oferece uma visão subjetiva e pessimista do cotidiano e em que se lê: “homens sozinhos/nos fios eletrônicos/esqueceram deus/na primeira esquina”. Outra visão subjetiva mas realisticamente poética do cotidiano citadino verifica-se nos cinco versos de denúncia lírico-social do poema “Domingo”, valorizado pelo contraditório expressivo e pela metonímia: “hoje é domingo/o bom dia da tristeza/o céu é menos azul/a cidade uma criança/pelos cantos sem brinquedo”. Diante desses versos, podemos aquilatar a angústia de Barros Pinho quando Prefeito desta Cidade, sem poder dar a Fortaleza o lazer e o bem-estar, numa palavra o ludismo de que é cheio o seu coração de poeta, ele que não admite, como escreveu, “Circo com palhaços em greve” e que é dono de uma obra cuja ternura austera tem muito daquela magia poética de um Mário Quintana, de um Cassiano Ricardo e parece gritar a todo instante esta advertência do poema “circo encantado”: “não deixem/o circo morrer”.

Barros Pinho, que declarou num poema que a cadeia pública foi a primeira imagem que teve da solidão e experimentou ele mesmo o cárcere como preso político, sabe recorrer à poesia para libertar-se, como afirma: “Só me encontro/livre no poema”. E, libertando-se, sonha, porque “sonhar é ser homem” segundo Emmanuel Carneiro Leão, e faz os seus leitores libertos na medida em que souberem viver poeticamente a sua mensagem, feita daquela essencial verdade humana, concebida por Heidegger, que opina: “a arte é pôr na obra a verdade”.

Vários escritores de renome pronunciaram-se sobre a poesia do novo acadêmico: Francisco Carvalho destacou o seu aspecto surrealista, F.S. Nascimento estudou o encantatório nela existente, Antônio Carlos Vilaça focalizou o seu

espírito algo popular. Além desses, Artur Eduardo Benevides, Sânzio de Azevedo, Antonio Girão Barroso, Rubens Pereira de Macedo, Aurélio Buarque de Holanda, Moreira Campos, Joaryvar Macedo e Eusélio Oliveira dentre outros.

Barros Pinho honrará a Academia Cearense de Letras não somente pelo seu talento de poeta e escritor, mas também pela alta posição social e política de que vem desfrutando em nosso meio, ora como administrador e educador, havendo fundado o Colégio Oliveira Paiva em 1971 e até hoje o dirigindo; ora como vereador dos mais operantes; ora como dinâmico deputado estadual; ora como esforçado Prefeito Municipal e já agora como líder do Partido do Movimento Democrático Brasileiro na Assembléia Legislativa, partido em cujo seio se tem portado com a maior elevação de caráter, fidelidade partidária, espírito público e democrático, sabendo conciliar os ânimos dos seus correligionários e dignificar a herança do nome tutelar da Democracia Brasileira, o morto-vivo, como o qualifiquei em poema recentemente publicado, e que é Tancredo Neves.

Meu caro amigo Barros Pinho, permita-me abandonar por instantes o tratamento da nossa privança de vinte e sete anos e experimentar tratá-lo com a solenidade que a pompa deste momento iluminado requer. Poeta e acadêmico Barros Pinho: conquistastes uma cadeira na Academia Cearense de Letras pelo vosso talento e o vosso esforço, sobretudo porque a vossa poesia possui a dimensão do humano e o timbre da modernidade instauradora, comportando aquele conceito que Mikel Dufrenne atribui ao Poético: "uma entonação particular na linguagem do mundo". Substituí o saudoso companheiro, escritor combativo, o telúrico e imenso poeta Jáder de Carvalho sobre quem afirmei ao ensejo dos seus oitenta anos:

Tendo o sol do Nordeste na garganta,  
dardejaste o teu canto incandescente  
de araponga, que ainda se levanta  
por tua terra em dor e tua gente.

Por vosso sentimento telúrico e por vossa combatividade em prol da promoção social do homem, sois digno do vosso patrono João Brígido e ao nosso Jáder vos assemelhais, merecidamente o sucedendo na Cadeira nº 14 da Casa de Tomás Pompeu, assim como o altíssimo poeta Artur Eduardo Benevides condignamente o substitui no Principado dos poetas cearenses.

Entrais para a Ilustre Companhia sob a bênção dos olhares das 4 Figuras no céu, às quais se acrescenta mais uma, a do vosso honrado pai, Antônio Bezerra de Pinho, que vos contempla e abençoa de além da lua e sob a bênção de um anjo da terra, vossa digna mãe, Dona Ana Maria Barros de Pinho. Rondam-vos os "setecentos e setenta e sete/meninos afogados" no rio Parnaíba, e vindes paraninfado pelo palhaço Taiobinha, que reflete o tragicômico, pelo Chico do Elisário com o seu mágico pife, por aquelas mulheres que rivalizam com as da obra de Manuel Bandeira: Maria das águas, que recebe o vosso canto de ânsia e solicitação; Maria Paula, com seus "três hectares de terra fecundada/num

eclipse do sol”; Hortênsia, com “o sexo úmido/de inverno”; Lulu, que soubestes embalar elegíaca e surrealisticamente e de cuja “cabeça voam serpentes com corpo de estrela”. E assim como Guimarães Rosa, ao entrar para a Academia Brasileira de Letras, disse, envolvendo-se metonimicamente com a sua Cidade —, “está aqui Cordisburgo” —, podeis agora afirmar: está aqui Teresina, está aqui o Parnaíba, está aqui a rua do Mafuá.

Sob os aplausos dos vossos pares, sentai de cabeça erguida na Cadeira que a vossa poesia conquistou. A Academia, espelho da casa do Ser, também é vossa.

---

(\*) Discurso que o autor, representando seus pares, teria proferido, saudando o Acadêmico Barros Pinho, se a posse deste tivesse sido solene e não simples, como ocorreu em sessão ordinária de 11-8-1985